

# Considerações sobre a relação entre graduação e pós no ensino da Arquitetura e do Urbanismo

\* Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília - UnB  
dorsten@unb.br

Gabriel Dorfman \*

## Resumo

Este artigo aborda aspectos da relação entre pós-graduação e graduação em Arquitetura e Urbanismo. A partir da análise do papel das disciplinas práticas (de projeto) no ensino da Arquitetura, afirma-se a necessidade de uma clara distinção entre graduação e pós, como única forma de assegurar o sentido e a razão de ser dessas duas etapas diferenciadas na formação de arquitetos, educadores e pesquisadores nessa área do conhecimento.

**Palavras-chave:** ensino da Arquitetura; graduação em Arquitetura; pós-graduação em Arquitetura

## Abstract

This paper deals with some aspects of the relationship between graduate and post-graduate studies in architecture and urbanism. Basing on the analysis of the role of design training in architectural education, a statement is made on the necessity of a clear distinction between graduate and post-graduate studies as the only way to assure meaning and significance to these both stages of architectural education.

**Keywords:** architectural studies; graduate in architecture; post-graduate studies in architecture.

Comparada com as áreas das ciências humanas e das ciências puras em geral, a área da Arquitetura e do Urbanismo chegou tarde ao ensino de pós-graduação. Este é um fenômeno não exclusivamente brasileiro, mas mundial; mesmo em países do Primeiro Mundo, o número de pós-graduados em Arquitetura e Urbanismo é proporcionalmente pequeno em relação ao número de pós-graduados em disciplinas como a Filosofia, a Sociologia, a Matemática ou a Física. Esse déficit vem sendo rapidamente compensado em anos recentes; no Brasil, já existe um número razoável de mestrados em Arquitetura e Urbanismo, principalmente nas universidades públicas, e, finalmente, começam a surgir as primeiras alternativas àquele que, até há bem pouco tempo atrás, era o único doutorado na área do país – o da USP.

Essa rápida proliferação dos mestrados e doutorados em Arquitetura e Urbanismo nas universidades brasileiras obriga a uma reflexão conseqüente sobre o sentido da pós-graduação e, por extensão, sobre suas relações com a graduação nessa área.

A existência de uma pós-graduação, tanto em Arquitetura quanto em qualquer outra área do ensino universitário em geral, só se justifica na medida em que ela possa oferecer-se como um avanço qualitativo

em relação ao ensino de graduação. A pós-graduação, para justificar-se como tal, não deve(ria) ser uma mera extensão temporal da graduação, em que os objetivos, as técnicas de ensino e as exigências feitas sobre docentes e discentes se mantêm essencialmente inalterados em relação àquelas vigentes no ensino de graduação. Isso obriga a que se pense em pós-graduação juntamente com graduação; os conceitos de uma e outra se definem um frente ao outro, idealmente garantindo-se uma relação de complementaridade entre ambas.

Qual o objetivo fundamental de uma graduação em Arquitetura e Urbanismo? Formar profissionais qualificados a conceber espaços perceptíveis e vivenciáveis por meio dos sentidos e do movimento, nas mais diversas escalas; arquiteto é aquele capaz de projetar o/no espaço físico, ou, em sentido mais amplo, aquele que se coloca no mundo e o mundo compreende a partir da ótica de quem é capaz de intervir no espaço físico. Essa é a única qualificação própria dos arquitetos, tenham eles tido uma educação formal para isso ou não.

Partindo da premissa de que arquiteto é aquele que vê o mundo com olhos e juízo crítico de quem projeta o espaço físico, é mais do que razoável que os cursos de graduação em Arquitetura, no Brasil e fora dele, se estruturam em volta (ou ao longo) dos exercícios de projeto. Durante quatro, cinco, sete ou mais anos, treinam-se os estudantes nessa que é a única atribuição exclusiva dos arquitetos; as exigências que se colocam a cada exercício prático tornam-se progressivamente mais complexas e amplas, e os meios que os estudantes vão pondo a serviço dessas tarefas práticas / criativas vão tornando-se mais e mais sofisticados à medida que avança sua formação.

Nesta formação centrada no desenvolvimento da capacidade prática de projetar o/no espaço físico, as disciplinas teóricas comparecem como alimentadoras do instrumental de projeto; tanto as disciplinas da área tecnológica, quanto as da área humanística, só se justificam em um curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo na medida em que, direta ou indiretamente, ampliam e refinam o instrumental de projeto do profissional em formação, ampliando-lhe a capacidade de compreensão do meio onde é chamado a intervir (projetar) e refinando-lhe os meios de concepção, representação e detalhamento de sua intervenção concreta no espaço físico.

Resumindo: a um curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo cabe essencialmente formar profissionais aptos a intervir concreta / praticamente no espaço físico, dando-lhes a formação adequada para bem avaliar o contexto histórico e sócio-econômico de sua intervenção e dotando-os do necessário conhecimento técnico e artístico para que sua intervenção se constitua em contribuição ao aprimoramento do contexto social em que vivem.

Sendo essa a essência de uma graduação em Arquitetura e Urbanismo, qual seria, então, a essência de uma pós-graduação nesta área? Qual seria a mudança qualitativa do treinamento oferecido nesta outra fase de formação? Em princípio, caberia à pós-graduação dar a seus estudantes a capacidade de reflexão e crítica sobre a formação profissional recebida na fase anterior (de graduação). Ou seja: se o

objetivo principal de uma graduação é qualificar os estudantes para a *prática* da profissão, cabe à pós-graduação treinar seus estudantes na capacidade de *teorizar* sobre a profissão, seus fundamentos e produtos. Esta deveria ser a diferença qualitativa básica entre a fase de graduação e a fase de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo: uma mudança de ênfase do treinamento para a prática para o treinamento para a teoria.

Aceitando-se essa como a diferença essencial entre graduação e pós, uma conclusão inevitável é a de que disciplinas de projeto são corpos estranhos e deslocados em cursos de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo; ao papel essencial e estruturador que a elas cabe nas graduações, corresponde o papel nenhum que elas têm a desempenhar em uma pós-graduação; dar-lhes algum espaço (qualquer espaço) nesta fase corresponde a fazer da pós-graduação um mero prolongamento da fase anterior, aviltando-a como tal e deturpando-lhe completamente o sentido e a razão de ser. O projetar e seus resultados têm lugar em uma pós-graduação apenas como objetos de crítica e teorização; sua prática, no entanto, é própria das graduações e dos cursos profissionalizantes – estes, sim, destinados ao aprimoramento em ambiente acadêmico dos profissionais primordialmente envolvidos com a prática da arquitetura e do urbanismo.

Manter disciplinas práticas (de projeto) em pós-graduações significa nelas inocular uma limitação à atividade teórico-reflexiva que é própria das graduações em Arquitetura. O estudante médio e típico destes cursos é, em geral, pouco afeito às atividades afastadas da prática criativa; normalmente, são traços de personalidade e aptidões marcadas pela intuição e pela habilidade artística que o levam a optar por esta profissão, fazendo que sua disposição para comprometer-se séria e profundamente com disciplinas e atividades baseadas na exploração dessas características seja sempre muito maior do que a disposição para atividades que exigem elevado grau de abstração e envolvimento com questões teóricas.

Nas graduações em Arquitetura, é minoritário o grupo de estudantes naturalmente predispostos ao engajamento em temas teórico-abstractos e ao desenvolvimento de habilidades de expressão e comunicação não gráficas e/ou artísticas. Um curso de pós-graduação, no entanto, não pode construir-se com pessoas dominadas por essa disposição básica para a prática, sob pena de não ser capaz de cumprir sua missão principal, que é a de produzir e transmitir conhecimento teórico em qualidade e quantidade significativas (e suficientes para alimentar, inclusive, a própria prática profissional). Ou seja: pós-graduações em Arquitetura e Urbanismo, para serem capazes de cumprir com a missão que lhes é inerente – produzir conhecimento teórico e quadros capazes de levar adiante o desenvolvimento e a transmissão desse tipo de conhecimento em instituições de ensino e pesquisa –, têm que, necessariamente, contar com um aluno médio de características diferentes daquele que predomina nas graduações (e que se destina, preferencialmente, à prática profissional). Para garantir esse perfil diferenciado de seu quadros discentes, é medida imprescindível varrer de seus currículos as disciplinas práticas.

Intimamente relacionada à inadequação das disciplinas práticas em cursos de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo está a consideração sobre o perfil ideal do professor desejável para esses cursos: é justamente aquele capaz de orientar a atividade teórico-crítica que reflete sobre os fundamentos da prática profissional e de sua produção; é aquele capaz de criar para seus alunos e orientandos as condições para uma reflexão metodologicamente ordenada sobre aqueles fundamentos e sobre as questões conceituais neles embutidas.

Tal capacidade só pode ser objetivamente estimada a partir de uma avaliação quantitativa e qualitativa de sua produção e de sua atividade *nos campos da teoria e da pesquisa*; assim como a qualificação acadêmico-científica não garante a um arquiteto (e a um criador de obras artísticas e literárias em geral) a capacidade de produzir obras de boa qualidade (ou seja, competência no exercício prático de sua profissão), a qualidade da obra realizada não pode ser tomada como indicador confiável da capacidade de seu autor de conduzir a formação teórica de discípulos mais jovens e/ou academicamente menos experimentados. Neste aspecto particular, a relação entre prática e teoria não é a de uma comunicabilidade livre e direta; a realidade é abundante em exemplos de bons arquitetos (e criadores em geral) desprovidos de qualquer capacidade de refletir e discursar ordenadamente sobre suas próprias obras, sobre as obras de seus pares e sobre as condições mais amplas no contexto das quais umas e outras são produzidas, da mesma forma que abundam os exemplos de acadêmicos e teóricos competentes e produtivos que se mantêm afastados da prática profissional por se revelarem incompetentes neste campo.

Ou seja: da mesma forma que um bom arquiteto se reconhece por seus bons projetos, um bom professor-orientador se afirma como tal por seus bons textos, por suas pesquisas bem estruturadas e frutíferas e por suas bem-sucedidas orientações de trabalhos acadêmicos; os dois atributos, ainda que não necessariamente se excluam mutuamente (a despeito de o senso comum afirmar que “quem sabe faz, quem não sabe ensina”), podem, sim, comparecer isoladamente, sendo isso, na verdade, o que de fato ocorre em um sem-número de casos reais.

Concluindo: em Arquitetura e Urbanismo, ensino prático-profissional é uma coisa, qualificação teórico-científica é outra; aquele é tarefa da graduação, enquanto esta é tarefa da pós; todos os movimentos feitos com o objetivo, consciente ou não, de borrar as diferenças entre uma coisa e outra, engrossando o mingau indiferenciado em que se vão fundindo as atividades de ensino e pesquisa no país, tendem a contribuir para o generalizado processo de aviltamento a que vêm sendo submetidas a educação e a cultura nacionais.

Para o bem do ensino da Arquitetura no Brasil, é imperioso que se estabeleçam, o mais rapidamente possível, essas e outras claras distinções entre os objetivos e as características gerais da graduação e da pós-graduação; a omissão ou o atraso no enfrentamento desse problema terá como resultado a consolidação de uma tendência que vem manifestando-se com força crescente, qual seja, a de uma banalização de mestrados e doutorados em Arquitetura que se apresentam, na verdade, como meras tentativas (de antemão condenadas ao fracasso) de com-

pensar a má qualidade do ensino de graduação. É importante neutralizar essa tendência, para evitar que se repita aqui, na relação entre pós-graduação e graduação, um processo que, já consumado na relação entre graduação e ensino médio, vem tendo conseqüências nefastas para a educação e a cultura brasileiras – a completa destruição do ensino médio no país e a tentativa (já fracassada) de compensar essa perda com a expansão atabalhoada e inconseqüente de um ensino universitário tosco e amadorístico.